

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



ENVOLVIMENTO PARENTAL: ACTIVIDADES DE CUIDADOS E SOCIALIZAÇÃO

Inês Andrade de Moura Pessoa e Costa

15289

Tese submetida com requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Lígia Monteiro, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau em Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES de nº 19673/2006 publicado em Diário da República, 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Lúcia Monteiro.

À Professora Doutora Manuela Veríssimo.

A todos os pais que acederam participar neste estudo.

À minha família.

Aos meus amigos.

RESUMO

Este estudo analisou o envolvimento parental de mães e pais de 138 famílias portuguesas, tendo em conta as características dos pais, da criança e do contexto/ suporte social. Utilizando a “Escala de Envolvimento Parental: Actividades de Cuidados e de Socialização” (Monteiro, Veríssimo & Pessoa e Costa, 2008), procurámos analisar a percepção dos pais sobre como dividem as tarefas relacionadas com as crianças. Constatámos que os pais ainda atribuem a maior parte das actividades de prestação de cuidados — directos e indirectos — às mães, mas que partilham de forma igualitária as actividades de socialização, sobretudo as de lazer no exterior. Verificámos ainda que o envolvimento paterno se encontra associado a variáveis como a sua idade e habilitações literárias, o género da criança e a posição que assume na fratria ou, ainda, o número de horas que a mãe passa no emprego. Numa segunda fase foi pedido às mães que preenchessem a mesma escala, mas de acordo com a forma como gostariam que as tarefas fossem partilhadas idealmente. Concluimos que as mães gostariam que tanto as actividades de cuidados, como as de socialização — com excepção da dimensão do lazer no exterior — fossem mais co-partilhadas.

Palavras-chave: Envolvimento Parental, Tipo de Actividades, Factores associados aos envolvimento

ABSTRACT

This study examined parental involvement in 138 Portuguese families, analyzing parents, child, and social context/ support variables. Using the “Escala de Envolvimento Parental: Atividades de Cuidados e de Socialização” (Monteiro, Veríssimo, & Pessoa e Costa, 2008), it was verified that caregiving activities — direct and indirect — are still performed almost always by the mothers, and socialization activities are shared in an egalitarian way. The parents’ age and level of education; the child gender, and the first born child; and mothers’ work hours are related to father involvement. Mothers would like to see both caregiving and social activities shared between both parents — except the playing outdoor ones. Results are discussed within the involvement literature.

Key-words: Parental Involvement, Activities Types, Factors of Involvement

ÍNDICE

Introdução	p. 1
Evolução dos Modelos Familiares	p. 1
Evolução do Papel do Pai	p. 2
Actividades da Mãe e do Pai	p. 3
Envolvimento Parental	p. 5
Conceptualização do Envolvimento Parental	p. 5
Factores que Influenciam o Envolvimento Parental	p. 5
Características dos Pais	p. 6
Características da Criança	p. 7
Contexto/ Suporte Social	p. 7
Metodologia	p. 9
Participantes	p. 9
Instrumentos/ Procedimento	p. 10
Ficha de Identificação	p. 10
Questionário sobre o Envolvimento	p. 10
Resultados	p. 12
Análise das Representações de Mães e Pais face ao Envolvimento Parental	p. 12
Análise da Participação de acordo com as Dimensões do Envolvimento Parental	p. 13
Análise dos Factores associados ao Envolvimento Parental	p. 14
Características dos Pais	p. 14
Características da Criança	p. 14
Contexto/ Suporte Social	p. 15
Discussão	p. 16
Referências Bibliográficas	p. 20
Anexos	p. 23

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	
análise das respostas dos pais item a item de acordo com a moda	p. 12
Tabela 2:	
médias e desvios padrão das respostas parentais de acordo com as 5 dimensões do envolvimento parental	p. 13
Tabela 3:	
média e desvio padrão das respostas maternas quanto ao envolvimento parental ideal	p. 15

LISTA DE ANEXOS

Anexo A:	
“Escala de Envolvimento Parental: Actividades de Cuidados e de Socialização” (Monteiro, Veríssimo & Pessoa e Costa, 2008).	p. 24

INTRODUÇÃO

Evolução dos Modelos Familiares

Nos modelos familiares tradicionais das sociedades ocidentais — bi-parentais — as funções da mãe e do pai apareciam claramente definidas e diferenciadas. De facto, a mãe era responsável pelas funções domésticas, pela prestação de cuidados e educação dos filhos, constituindo-se ainda como a sua principal fonte de apoio emocional. Já ao pai estava destinado o mundo exterior do trabalho, o assegurar da sobrevivência económica da família — considerado por muitos homens a principal forma de demonstrar interesse (Doherty, 1991, cit. por Hawkins et al., 1993) —, bem como assumir-se como uma figura de autoridade/disciplina para os filhos (Le Camus, 2004).

No entanto, devido às profundas alterações sociais, demográficas, culturais e até económicas que ocorreram durante o século XX, esta perspectiva tradicionalista da família e do papel do pai — responsável financeiro ou mero ajudante da mãe (Paquette, 1994, cit. por Tamis-LeMonda, 2004) — foi posta em causa e potenciou a emergência de novos modelos familiares e de um novo papel de pai (Balancho, 2004).

Dentro destas alterações destacam-se a entrada da mulher no mundo do trabalho e o aparecimento de novas formas de família. Relativamente à primeira, em Portugal e segundo o INE (2008), a taxa de actividade das mulheres é, actualmente, muito idêntica à dos homens — 56,4% e 69,6%, respectivamente. No que diz respeito ao segundo aspecto supracitado, o crescente número de divórcios — em 2007, 54% dos casamentos acabaram em divórcio — e de famílias monoparentais, reconstituídas, etc. lançaram também novos desafios à parentalidade.

Como consequência de todas estas transformações, os pais começaram a partilhar a educação dos filhos não só entre si, como também com instituições exteriores à família — e.g. avós, creches, jardins-de-infância (Balancho, 2004). A comprová-lo está o facto de, desde os anos 80, o número de alunos inscritos no ensino pré-escolar ter aumentado 117% (GEPE, 2008).

Assim, criou-se todo um novo conjunto de expectativas e crenças sobre os papéis e responsabilidades que mãe e pai devem assumir no seio da família (Pleck, 1997, cit. por Cabrera et al., 2000). De facto, actualmente já não se espera uma divisão dicotómica das tarefas domésticas, económicas e parentais — como nas estruturas familiares tradicionais — mas uma partilha igualitária das mesmas, independente do género (McConnell & Kerig, 2002).

Efectivamente, esta co-parentalidade, conceito central na teoria estrutural de Minuchin (1974), relaciona-se com a capacidade dos membros do casal partilharem a liderança e apoiarem-se nos seus papéis parentais. Assim e segundo McHale (1995), a co-parentalidade envolve duas questões essenciais: um “suporte mútuo na parentalidade” (p. 985) e um “envolvimento mútuo com a criança” (p. 985). Pretende-se, então, que haja uma organização familiar em que mães e pais partilhem as tomadas de decisão e contribuam, de forma semelhante e cooperativa, para a educação e cuidados dos filhos.

Nesta perspectiva da parentalidade partilhada, McBride & Ranes (1998) afirmam que ambos os pais são responsáveis por: (1) investirem nos filhos; (2) valorizar a importância do outro pai no desenvolvimento e crescimento dos seus filhos; (3) respeitar e valorizar os julgamentos do outro pai e (4) manter a comunicação aberta em relação às necessidades dos filhos.

Evolução do Papel do Pai

Face a estes novos formatos familiares, o papel do pai foi evoluindo e sofrendo algumas transformações ao longo dos tempos. Pleck & Pleck (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004, cit. por Lamb, 2004) caracterizam estas alterações de acordo com importantes marcos históricos: se durante a colonização dos Estados Unidos da América o pai era visto como um guia moral, na altura da industrialização era, essencialmente, uma figura de suporte financeiro ou um “*breadwinner*” (p.3), enquanto que na altura da Segunda Guerra Mundial se assumia como um modelo de identificação sexual.

Hoje em dia os pais revelam antes ser “companheiros, prestadores de cuidados, maridos, protectores, modelos, guias morais, professores, suporte financeiro” (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004, p. 3). Parecem assumir-se como muito mais activos na vida e educação dos filhos, apresentando-se como “mais sensíveis, presentes, compreensivos e próximos afectivamente, indiciando uma mudança para melhor” (Balacho, 2004, p. 383). Ou seja, já não são “contribuintes esquecidos” (Lamb, 1975, cit. por Lewis & Lamb, 2003, p. 211), mas sim elementos muito importantes para o bom desenvolvimento das crianças (e.g. Easterbrooks & Goldberg, 1984; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004).

Yeung et al. (1999, cit. por Cabrera et al., 2000) vieram confirmar esta tendência ao demonstrarem, em famílias bi-parentais, um aumento do tempo que os pais passavam com os filhos de 30 a 45% do tempo para 67% durante a semana e os 87% no fim-de-semana — tanto como as mães. Outros autores (e.g. Hwang & Lamb, 1997; Dienhart, 2001, cit. por Gomez,

2005) verificaram que os pais estão a assumir uma maior responsabilidade quer nas tarefas domésticas, quer nas de prestação de cuidados diários dos filhos.

Apesar de se ter verificado, na prática, que o papel desempenhado pelo pai tem alternado entre uma perspectiva conservadora em que as tarefas são divididas de forma desproporcional e uma perspectiva moderna em que o seu envolvimento é maior (Le Camus, 2004; Monteiro et al., 2008), alguns autores (Lamb e Tamis-LeMonda, 2004; Le Camus, 2004; Pleck & Masciadrelli, 2004; Monteiro et al., 2008) referem que essas mudanças têm sido muito superficiais. Dantas et al. (2004) apoiam esta visão referindo que ao nível das atitudes se têm registado alterações face ao interesse manifestado pelos pais na educação e cuidados dos filhos mas que ao nível dos comportamentos poucas transformações foram efectivadas.

Actividades da Mãe e do Pai

Não obstante todas as alterações nos papéis parentais, vários estudos (e.g. Paquette, 1994, cit. por Tamis-LeMonda, 2004; Lamb & Tamis-LeMonda 2004) têm sugerido que mães e pais continuam a interagir diferentemente com os seus filhos, através de actividades distintas.

Alguns autores verificaram que, nas sociedades Ocidentais, a responsabilidade pela prestação dos cuidados aos filhos — directos (e.g. alimentar à noite; mudar fraldas) ou indirectos (e.g. escolher a roupa para uma saída; lavar a roupa da criança; fazer o saco das fraldas) — ainda é pertença maioritária das mães (e.g. Levy-Shiff & Israelashvili, 1988; Deutsch, 2001, cit. por Monteiro et al., 2008). Esta concepção cultural diferenciada dos papéis feminino e masculino poder-se-á dever à crença de ser “pouco masculino para os homens passarem muito tempo na prestação de cuidados aos filhos” (Rohner & Veneziano, 2001, p.386) ou mesmo para o facto de esta ser uma tarefa para a qual eles “não têm qualquer preparação biológica” (Rohner & Veneziano, 2001, p.385).

Independentemente das possíveis justificações, a prestação de cuidados é mais frequentemente associada às mães, não só por estas a considerarem uma tarefa essencial, mas também porque implica uma interacção rotineira ditada pelas necessidades imediatas das crianças — o que não agrada tanto aos homens (Levy-Shiff & Israelashvili, 1988). Le Camus (2004) concluiu mesmo que 60% dos homens não participavam nas tarefas educativas e domésticas. Verifica-se que as mães também dedicam grande parte do seu tempo às actividades lúdicas com os seus filhos (Pleck e Masciadrelli, 2004).

Já os pais desempenham um papel fundamental na brincadeira (e.g Levy-Shiff & Israelashvili, 1988; Monteiro et al., 2008), tendo mais comportamentos afiliativos e lúdicos, acções positivas e não dependentes de horários estritos. Segundo Bailey (2001), os pais dedicam mais tempo às interacções sociais do que às actividades rotineiras dos cuidados.

Assim, as actividades de socialização são da responsabilidade de ambos os pais, de forma partilhada e igualitária. De facto, quando se compararam pais de crianças entre os 3 e os 5 anos, concluiu-se que as mães passam mais tempo em actividades de brincadeira e companheirismo (.79 horas por dia) do que em prestação de cuidados (.58 horas por dia), tal como os pais (.69 e .41 horas por dia, respectivamente).

Apesar de ambos os pais assumirem as actividades lúdicas e de em ambos existir o mesmo afecto, brincadeira com o objecto e física e interacção convencional, verificaram-se algumas diferenças nos estilos de brincadeira entre mães e pais (Parke, 1996).

Efectivamente, as primeiras preferem jogos “distais” — implicam estimular a criança à distância mostrando um brinquedo (Parke, 1996) —, enquanto que os pais têm, em média, brincadeiras mais físicas — que incluem o toque directo e levantar e baloiçar a criança (Parke, 1996; Lewis & Lamb, 2003; Roggman, 2004). Parece assim haver um padrão de estimulação: as mães são mais verbais, didácticas e brincam mais através dos brinquedos e os pais são mais tácteis, físicos e estimulantes (Parke, 1996; Laflamme et al., 2002).

Independentemente de toda a evolução que o papel do pai tem sofrido ao longo dos tempos, o envolvimento paterno na vida quotidiana dos filhos tem sido, como já referimos, “um processo de mudança lento” (Lamb e Tamis-LeMonda, 2004, p.12; Monteiro et al., 2008, p.3) e dependente das crenças construídas em seu redor. De facto e de acordo com o estudo do NICHD (2000), os pais com crenças mais centradas na criança e atitudes mais igualitárias sobre os papéis do género têm maior probabilidade de participar nas actividades de prestação de cuidados do que aqueles com crenças mais tradicionalistas.

No entanto, há que referir que o papel que o pai deve desempenhar está intimamente ligado à cultura na qual está inserido. São padrões interculturais com raízes profundas nas tradições, atitudes, valores e crenças de cada sociedade (Hess, 1970, cit. por Levy-Shiff & Israelashvili, 1988).

Envolvimento Parental

Conceptualização do Envolvimento Parental

Lamb, Pleck, Charnov e LeVine (1985, 1987, cit. por Pleck & Masciadrelli, 2004) definiram o envolvimento parental com base em três dimensões: a interacção, a acessibilidade e a responsabilidade.

Relativamente à primeira, remete para o “contacto directo do pai com o filho através da prestação de cuidados e de actividades partilhadas” (Pleck & Masciadrelli, 2004, p.223) — e.g. alimentar ou brincar. A acessibilidade, por seu turno, refere-se à “disponibilidade do pai para a interacção [...] seja ela directa ou não” (Pleck & Masciadrelli, 2004, p.223) — e.g. pai estar a cozinhar enquanto a criança brinca. Por último, a responsabilidade consiste em “assegurar os cuidados e encontrar os recursos para estar disponível para a criança” (Pleck & Masciadrelli, 2004, p.231) — e.g. escolher o médico, ficar com o filho quando este está doente, escolher a creche, etc.

Parke (1996) defende que devem ser efectuadas duas importantes distinções. A primeira, que visa diferenciar o envolvimento absoluto — tempo absoluto passado com a criança — e o relativo — o tempo passado com a criança em comparação com o cônjuge. Neste ponto, tem-se concluído não só que é benéfico para as crianças o envolvimento relativo de mães e pais ser semelhante, como também que o envolvimento dos pais na prestação de cuidados se relaciona positivamente com o tempo relativo que estes têm disponível (Bailey, 2001). A segunda promove a diferenciação do envolvimento parental em tarefas de cuidados às crianças e em actividades de brincadeira/lazer.

Para além destes contributos, diversos autores desenvolveram outras conceptualizações importantes do envolvimento parental em diferentes perspectivas, considerando, principalmente, a qualidade das interacções — sensibilidade paterna — e a quantidade de tempo que os pais passam com a criança (e.g. NICHD, 2000; Palkovitz, 1997, cit. por Cabrera et al).

Factores que Influenciam o Envolvimento Parental

Levy-Shiff & Israelashvili (1988) afirmam que o envolvimento paterno é determinado por múltiplos factores. Entre eles destacam-se as características individuais dos pais (e.g. motivação, auto-confiança, competências, relações inter-geracionais), as características individuais da criança (e.g. temperamento, género) e o contexto social no qual a interacção pai-criança ocorre (e.g. suporte social, emprego, qualidade da relação marital, atitudes e expectativas das mães e dos pais).

Outros autores (e.g. Le Camus & Frascarolo, 2003; Pleck & Masciadrelli, 2004) defendem que o envolvimento parental depende, também, de influências comunitárias e

culturais (e.g. oportunidades sócio-económicas, ideologias culturais) e das políticas e práticas institucionais (e.g. apoios de saúde e apoios à criança).

Parke (1996), por seu turno, apresenta uma visão de sistema quanto aos factores que determinam o envolvimento paterno. O autor refere a importância dos factores individuais dos pais (e.g. atitudes, crenças e motivação do pai, relação com a família de origem, altura em que foi pai, género da criança), da influência da família (e.g. relação mãe-criança e pai-criança, relação do casal, relação pai-mãe-criança), da influência extra-familiar (relação com os familiares, vizinhos e amigos, relação emprego-família, sistemas de saúde) e da influência cultural (e.g. cultura diferenciada dos géneros, atitudes face aos papéis consoante o género, valores culturais da família).

Nesta investigação, seguiremos a linha apresentada por Levy-Shiff & Israelashvili (1988), dividindo os factores de influência de acordo com as características individuais dos pais, das crianças e o contexto em que o envolvimento parental se dá.

Características dos pais

Diferentes estudos (e.g. NICHD, 2000; Pleck & Masciadrelli, 2004; Cook et al., 2005; Monteiro et al. 2006) verificaram que o envolvimento parental pode ser influenciado por variáveis como a idade, classe socio-económica ou as habilitações literárias dos pais.

Relativamente à **idade**, Cook et al. (2005) concluíram que mães e pais mais velhos reportavam maiores níveis de envolvimento nas actividades de prestação de cuidados, mas só as primeiras relatavam igualmente um menor envolvimento afectivo com o avançar da idade. Outros estudos contrariam estes resultados, revelando que os pais mais novos passam mais tempo nestas actividades práticas (NICHD, 2000) e parecem ter mais energia para actividades como as de brincadeira (Parke, 1996). Contudo, Monteiro et al. (2006) não identificaram nenhuma relação significativa entre a idade dos progenitores e a partilha da responsabilidade nas actividades parentais.

Dados igualmente recentes (PSID, 1997 cit. por Pleck & Masciadrelli, 2004; NICHD, 2000) comprovaram que os **rendimentos dos pais** e o seu **nível de escolaridade** têm uma influência pouco expressiva no envolvimento paterno. De facto, as diferenças registadas foram essencialmente ao nível do tempo que os pais passavam com os filhos: os que tinham maiores habilitações académicas participavam mais nos cuidados e revelavam-se mais acessíveis para as crianças durante a semana, dispendendo também mais tempo em actividades relacionadas com a aprendizagem — quer durante a semana, quer aos fins-de-

semana (PSID, 1997; NICHD, 2000, cit. por Pleck & Masciadrelli, 2004; Monteiro et al., 2006). Coley & Chase-Landsdale (1999) acrescentam que os pais com mais habilitações parecem demonstrar recursos mais adequados para investir no envolvimento.

Características da criança

Alguns autores apontam a idade (Monteiro et al., 2006), o género (Parke, 1996; NICHD, 2000, Lamb, 2004) e a posição na fratria (Parke, 1996; NICHD, 2000) como variáveis importantes no envolvimento paterno.

Quanto à **idade**, as investigações apontam em diferentes sentidos. Algumas investigações (NICHD, 2000) sugerem que existe uma maior preocupação quanto à prestação de cuidados quando as crianças são mais novas enquanto que outras (Bailey, 2004) referem que o envolvimento paterno, na mesma área, aumenta consoante a idade das crianças (entre 1 e os 5 anos). Este mesmo autor afirma que, no entanto, as interacções sociais se mantêm estáveis ao longo do tempo. Numa amostra portuguesa, Monteiro et al. (2006), não encontram relação entre a idade das crianças e a responsabilidade pelas actividades práticas e lúdicas.

Em relação ao **género**, os pais parecem estar mais envolvidos com os filhos do que com as filhas, sendo o seu envolvimento mais estável com os rapazes do que com as raparigas (NICHD, 2000). Parke (1996) acrescenta que os pais têm tendência para, numa situação de brincadeira, estimular de forma mais consistente os rapazes, chegando a tocar e olhar mais frequentemente para os filhos do que para as filhas.

Relativamente à **posição na fratria**, diversos estudos indicam que os pais parecem mais envolvidos com os filhos mais velhos (Vandell, 1987, cit. por NICHD, 2000). De acordo com Parke (1996), os pais desempenham um papel muito importante na adaptação do filho mais velho ao nascimento dos irmãos, na medida em que estão mais disponíveis do que as mães — estas estão, frequentemente, mais absorvidas pelos cuidados que têm de prestar ao filho recém-nascido.

Contexto/ Suporte social

Dentro deste ponto, podemos destacar alguns factores que influenciam o envolvimento paterno, concretamente o emprego e as expectativas dos pais.

A **situação profissional** — dentro da qual podemos incluir o estatuto, satisfação, carreira e horário profissional (Canavarro & Pedrosa, 2005) — encontra-se significativamente

correlacionada com o exercício da parentalidade, já que é difícil conciliar as actividades com os filhos (prestação de cuidados ou lúdicas) e as exigências profissionais.

Efectivamente, o número de horas que a mãe trabalha é um dos seus maiores preditores, uma vez que exige que o pai passe uma maior proporção de tempo com a criança, aumentando igualmente a sua participação relativa na prestação de cuidados (Deutsch et al. 1993; Parke, 1996; Bailey, 2001; Lamb & Tamis-LeMonda 2004; Monteiro et al., 2008).

O emprego e número de horas de trabalho do pai foram considerados desde sempre como entraves ao envolvimento paterno. Neste sentido, Cook et al. (2005) afirmam que quanto mais os pais trabalham, menos reportam envolvimento com os filhos. Porém, Russell e Hwang (2004) referem que, não obstante esta evidência, os pais não são passivos neste processo: se se encontrarem motivados para o envolvimento paterno conseguem, activamente, reduzir as suas horas de trabalho. Também Levy-Shiff & Israelashvili (1988), ao compararem pais com empregos mais exigentes (e menos tempo de lazer) com outros que tinham trabalhos menos exigentes, observaram que estes últimos não tinham um maior envolvimento ao nível da prestação de cuidados, apenas noutros tipos de interacções.

É importante referir que, apesar da influência deste factor no envolvimento paterno, alguns autores defendem que ela é menor e menos significativa quando comparada com a situação profissional da mãe (e.g. Deutsch et al. 1993).

Por último, é pertinente aprofundar a influência que as **expectativas** — tanto as maternas, como as paternas — têm no envolvimento paterno. Efectivamente, a percepção subjectiva que ambos têm sobre a competência do homem para educar e cuidar, bem como a abertura que revelam para que este o possa fazer são aspectos cruciais na extensão e qualidade do envolvimento paterno.

Neste sentido, a investigação tem correlacionado as atitudes maternas e o envolvimento (e.g. Beitel e Parke, 1998; Allen & Hawkins, 1999, cit. por Cook et al., 2005). Allen & Hawkins (1999, cit. por Cook et al., 2005) concluíram que as mães “*gatekeepers*” — isto é, que assumem uma perspectiva tradicional e estereotipada da divisão das responsabilidades na prestação de cuidados — inibem o envolvimento paterno.

Outros estudos confirmaram que as atitudes maternas são predictoras do envolvimento paterno: Quinn & Staines (1979, cit. por Beitel e Parke, 1998) verificaram que 60 a 80% das mulheres não quer que os seus maridos se envolvam mais do que fazem, apesar de 40% dos pais afirmar que gostaria de passar mais tempo com os filhos.

As mães podem — com os seus comportamentos, atitudes e crenças — apoiar ou inibir o envolvimento paterno encontrando-se este positivamente correlacionado com a

perspectiva que as mulheres têm das competências dos seus maridos (Beitel & Parke, 1998; Fagan & Barnett, 2003). De facto, os pais estão mais envolvidos nas actividades de prestação de cuidados quando as mães valorizam a sua participação e os vêem como competentes. (Parke, 1996; Coley & Chase-Landsdale, 1999; NICHD, 2000).

Por outro lado é interessante verificar que os pais se sentem tanto mais capazes de assumir os cuidados dos filhos, quanto maior for a sua participação activa nos mesmos (Bonney et al., 1999).

Com base nalgumas questões levantadas por Monteiro et al. (2006), que salientavam a necessidade de averiguar as características dos pais, das crianças e do contexto social mantendo uma análise dos diferentes tipos de actividades, este estudo visa (1) verificar se existe uma participação tradicional ou igualitária nas actividades de cuidados e de socialização; (2) analisar diferentes factores associados ao envolvimento parental — variáveis dos pais (idade, habilitações literárias), da criança (idade, género, se é primogénito, existência de irmãos) e do contexto/ suporte social (nº de horas que os pais passam no emprego, o nº de horas que a criança passa no Jardim-de-Infância e se existem diferenças entre a participação paterna e as expectativas da mãe face a essa participação).

METODOLOGIA

Participantes

A amostra é constituída por 138 famílias bi-parentais, das quais 113 pais são casados e 13 vivem em união de facto. Os filhos têm idades compreendidas entre os 31 e 75 meses ($M=55.11$, $DP=10.78$), sendo 70 do sexo feminino e 68 do sexo masculino. Destes, 70 são primogénitos, 98 têm irmãos e passam entre 5 a 11 horas por dia ($M=8.19$, $DP=1.27$) em contexto escolar. As mães têm idades compreendidas entre 26 e 48 anos ($M=35.67$, $DP=4.16$) e os pais entre os 26 e os 62 ($M=38.24$, $DP=6.063$). As habilitações literárias das mães variam entre os 6 e os 22 anos de escolaridade ($M=14.57$, $DP=3.20$) e as dos pais entre os 4 e os 19 anos de escolaridade ($M=14.09$, $DP=3.45$). Todos os pais trabalham e o número de horas que passam no trabalho é, em média, de 7.85 horas no caso das mães e de 7.85 horas no dos pais. As crianças frequentam Jardins-de-Infância do distrito de Lisboa.

Instrumentos/Procedimento

Para esta investigação foram utilizados 2 instrumentos: uma ficha de identificação e a “Escala de Envolvimento Parental: Actividades de Cuidados e de Socialização” (Monteiro, Veríssimo & Pessoa e Costa, 2008).

Ficha de Identificação

Esta visa recolher os dados sócio-demográficos das crianças e dos pais. Nesta, pedia-se às mães informações que caracterizassem quer os pais — quanto à idade, habilitações literárias, estado civil e número de horas que estavam empregados —, quer os filhos — género, idade, número de irmãos e se eram primogénitos, número de horas que passavam no jardim-de-infância e idade com que tinham iniciado a frequência na creche/ jardim-de-infância,

Questionário sobre o Envolvimento

A “Escala de Envolvimento Parental: Actividades de Cuidados e de Socialização” (Monteiro, Veríssimo & Pessoa e Costa, 2008). Este é uma reformulação do questionário de Monteiro et al. (2008) e de Crouter et al. (1987), na qual se procurou avaliar a forma como mães e pais dividem as tarefas de responsabilidade parental. Estas incluem tanto as actividades de cuidados — remetem para os cuidados prestados às crianças —, como as de socialização — relacionadas com a organização e participação nos momentos de lazer e brincadeira.

O questionário é composto por 26 itens, que remetem, no essencial, para 5 dimensões: *cuidados directos* — itens 1, 5, 13, 19 e 21 (e.g. “quem dá as refeições ao seu filho”; “quem veste o seu filho”) —; *cuidados indirectos* — itens 2, 6, 10, 14, 15, 20 e 26 (e.g. “quem é responsável pela ida ao médico do seu filho”; “quem escolheu a escola que o seu filho frequenta”) —; *ensino e disciplina* — itens 3, 7, 8, 16 e 22 (e.g. “quem estabelece regras em casa”, “quem lida com os maus comportamentos do seu filho”) —; *brincadeira* — itens 9, 11, 17, 23 e 25 (e.g. “quem brinca com o seu filho”; “quem vê TV com o seu filho”); finalmente, *actividades de lazer no exterior* — itens 4, 12, 18 e 24 (e.g. “quem leva o seu filho às festas de anos”; “quem vai passear com seu filho”). As respostas deveriam ser dadas numa escala de 5 pontos — (1) sempre a mãe, (2) mais frequentemente a mãe, (3) tanto a mãe como o pai, (4) mais frequentemente o pai, (5) sempre o pai — e avaliadas numa perspectiva relativa, em que os dados são vistos em comparação com a outra figura parental.

Utilizando o Coeficiente de Correlação de Pearson, obtiveram-se os seguintes valores de concordância entre as respostas maternas e paternas para as 5 dimensões do questionário: cuidados directos (.82), cuidados indirectos (.60), ensino/ disciplina (.60), brincadeira (.80) e lazer no exterior (.64). Deste modo, optou-se por realizar um compósito (média) das respostas maternas e paternas para posteriores análises. Os Alfas de Cronbach para as 5 dimensões

apresentam valores aceitáveis de fiabilidade nomeadamente para os Cuidados Directos .72; Cuidados Indirectos .65; Ensino/ Disciplina .80; Brincadeira .72 e Actividades de Lazer no exterior .77.

Com o objectivo de analisar a perspectiva das mães quanto ao que gostariam que fosse o envolvimento dos pais, foi-lhes pedido que, num segundo momento, preenchessem a “Escala de Envolvimento Parental: Actividades de Cuidados e de Socialização” (Monteiro, Veríssimo, & Pessoa e Costa, 2008). Deste modo, tornou-se possível calcular a diferença entre a participação real da mãe e do pai e a preferida, do ponto de vista da mãe.

Os questionários foram entregues em momentos distintos e respondidos de modo independente por mães e pais.

RESULTADOS

Análise das Representações de Mães e Pais face ao Envolvimento Parental

Numa primeira fase e como nos mostra a Tabela 1, realizou-se uma análise dos 26 itens do questionário de acordo com a Moda.

Tabela 1: análise das respostas dos pais item a item de acordo com a Moda

Itens	Respostas da Mãe	Respostas do Pai
1. Quem dá as refeições ao seu filho	<i>Quase sempre a mãe</i>	<i>Quase sempre a mãe</i>
2. Quem é responsável pela ida ao médico do seu filho	<i>Sempre a mãe</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
3. Quem ensina ao seu filho novas competências (ex. as cores, contar, jogar um jogo, etc.)	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
4. Quem vai passear com seu filho	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
5. Quem dá banho ao seu filho	<i>Quase sempre a mãe</i>	<i>Quase sempre a mãe</i>
6. Quem costuma comprar as roupas do seu filho	<i>Sempre a mãe</i>	<i>Sempre a mãe</i>
7. Quem conversa com o seu filho sobre assuntos mais delicados (ex. morte, como nascem os bebés, etc)	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
8. Quem estabelece regras em casa	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
9. Quem brinca com o seu filho	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
10. Quem costuma ir às reuniões de escola do seu filho	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
11. Quem lê histórias ao seu filho	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
12. Quem leva o seu filho às festas de anos	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
13. Quem veste o seu filho	<i>Quase sempre a mãe</i>	<i>Quase sempre a mãe</i>
14. Quem costuma comprar os brinquedos/ jogos do seu filho	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
15. Quem leva e traz o seu filho à escola	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
16. Quem lida com os maus comportamentos do seu filho	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
17. Quem é que faz jogos de mesa (ex. cartas, puzzles, jogos de encaixes, etc.) com o seu filho	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
18. Quem leva o seu filho ao parque infantil	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
19. Quem vai deitar o seu filho	<i>Quase sempre a mãe</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
20. Quem escolheu a escola que o seu filho frequenta	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
21. Quem fica em casa quando o seu filho está doente	<i>Quase sempre a mãe</i>	<i>Quase sempre a mãe</i>
22. Quem faz cumprir as regras	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
23. Quem faz jogos mais físicos com o seu filho (ex. jogar à bola, andar às cavalitas, rolar no chão, etc.)	<i>Quase sempre o pai</i>	<i>Quase sempre o pai</i>
24. Quem leva o seu filho às actividades extra-curriculares (Natação)	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
25. Quem vê TV com o seu filho	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
26. A quem telefona a escola se algo se passar com o seu filho	<i>Sempre a mãe</i>	<i>Quase sempre a mãe</i>

Como se pode verificar na Tabela 1, as mães consideram que as actividades são, maioritariamente, responsabilidade da mãe e do pai, na medida em que dão 17 respostas na categoria “Tanto a mãe como o pai”. Quando não atribuem essa responsabilidade a ambos, as mães dividem-nas em “Quase sempre a mãe” (5 itens), “Sempre a mãe” (3) e “Quase sempre o pai” (1). Os pais partilham uma visão semelhante, sendo que atribuem 19 itens na categoria “Tanto à mãe como ao pai”, 5 na “Quase sempre a mãe” e 1 na “Sempre a mãe” e “Quase sempre o pai”.

Os pais apenas discordam quanto a 3 itens: o 4, o 5 e o 25. No item 4 “Quem vai deitar o seu filho”, as mães respondem “Quase sempre a mãe” e os pais “Tanto o pai como a mãe”; no item 5 “Quem é responsável pela ida ao médico do seu filho” as mães respondem “Sempre a mãe” e os pais “Tanto o pai como a mãe”; e, por último, no item 25 “A quem telefona a escola se algo se passar com o seu filho” as mães respondem “Sempre a mãe” e os pais “Quase sempre a mãe”.

Análise da Participação de acordo com as Dimensões do Envolvimento Parental

Na Tabela 2 podemos observar os valores médios e o desvio padrão das representações dos pais face às actividades que realizam com os filhos.

Tabela 2: médias e desvios padrão das respostas parentais de acordo com as 5 dimensões do envolvimento parental

Dimensões	Média	Desvio padrão
Cuidados Directos	2.35	.577
Cuidados Indirectos	2.14	.435
Ensino/ Disciplina	2.83	.413
Brincadeira	2.72	.482
Lazer no exterior	3.00	.422

Como demonstra a Tabela 2, mães e pais partilham as actividades relacionadas com o ensino/ disciplina, a brincadeira e o lazer no exterior. Já os cuidados directos e indirectos são “quase sempre” da responsabilidade materna.

Análises t-student para amostras emparelhadas indicam que existem diferenças significativas na participação dos pais nas actividades de cuidados — directos e indirectos ($p < .00$) —, e nas actividades de socialização — ($p < .00$). Para as actividades de socialização existem diferenças entre todos os tipos ($p < .00$).

Análise dos Factores Associados ao Envolvimento Parental

Características dos Pais

No que diz respeito à variável “idade dos progenitores”, apenas se encontraram correlações significativas para a idade do pai. Esta variável correlaciona-se de forma negativa nas dimensões do ensino/ disciplina ($r = -.302, p < .01$), da brincadeira ($r = -.248, p < .01$) e dos cuidados indirectos ($r = -.191, p < .05$).

Quanto à variável “habilitações literárias das mães e pais” e de acordo com o Coeficiente de Correlação de Pearson, verifica-se que existe uma correlação positiva e significativa entre as habilitações dos pais e a sua participação ao nível dos cuidados indirectos ($r = -.254, p < .01$). De seguida, dividiram-se os sujeitos em 3 grupos (1º grupo: escolaridade inferior ao 9º ano; 2º grupo: 9º-12º — incluído; 3º grupo: escolaridade superior a 12 anos). Quanto às habilitações maternas não se encontraram diferenças nas 5 dimensões do envolvimento. No entanto e no que diz respeito às habilitações paternas, verificaram-se diferenças nas dimensões dos cuidados indirectos ($F(2,126) = 7,251, p < 0,001$) e da brincadeira ($F(2,126) = 3,405, p < 0,036$). Através de uma análise *Post-Hoc* constata-se que existem diferenças significativas ao nível das habilitações literárias (entre os grupos 1 e 2 ($p < .00$) e os grupos 1 e 3 ($p < .00$) e da brincadeira (entre os grupos 1 e 2 ($p < .05$) e os grupos 1 e 3 ($p < .06$): os pais com habilitações iguais ou inferiores ao 9º ano participam menos na dimensão dos cuidados indirectos e da brincadeira do que os pais com habilitações maiores.

Características das Crianças

Para a variável “idade da criança” e com base no Coeficiente de Correlação de Pearson não se encontraram correlações significativas para nenhuma dimensão. Após se dividirem os participantes em 3 grupos (1º: menos de 48 meses; 2º: entre 48 e 60 meses; 3º: mais de 60 meses) e, com base nas análises de variância, não se encontraram diferenças para a participação dos pais de acordo com a idade.

Em relação ao “género”, existem diferenças significativas nos valores da participação dos pais nas dimensões de cuidados directos ($F(1,136) = 10.00, p < .05$), ensino/ disciplina ($F(1,136) = 6.19, p < .05$) e lazer no exterior ($F(1,136) = 9.24, p < .05$). Verifica-se que os pais participam mais nestas actividades com os rapazes do que com as raparigas.

Analisando a posição na fratria verifica-se a existência de uma diferença significativa na dimensão do ensino/ disciplina, os pais participam mais nestas actividades com os filhos

primogénitos ($M= 2.94$; $DP= .35$) do que com os que não são primogénitos ($M= 2.73$; $DP= .41$) ($F(1,124)=10.05$, $p< .01$).

Não se encontraram diferenças significativas quanto ao facto da criança ter ou não irmãos para nenhuma das dimensões do envolvimento parental.

Contexto/ Suporte Social

Em relação ao número de horas que os progenitores trabalham, apenas se registou uma correlação significativa e positiva entre o nº de horas que a mãe passa no emprego e os cuidados directos prestados pelos pais ($r= .268$, $p< .01$).

O nº de horas que a criança passa no Jardim-de-Infância tem uma correlação positiva e significativa face aos cuidados directos prestados pelo pai ($r= .192$, $p< .05$).

Quanto às expectativas da mãe foram realizadas várias análises. Numa primeira fase e como nos mostra a tabela 3, debruçámo-nos sobre os resultados da participação ideal na perspectiva das mães.

Tabela 3: média e desvio padrão das respostas maternas quanto ao envolvimento parental ideal

Dimensões	Média	Desvio padrão
Cuidados Directos	2.72	.451
Cuidados Indirectos	2.57	.477
Ensino/ Disciplina	2.96	.257
Brincadeira	2.92	.306
Lazer no exterior	3.00	.317

De acordo com a tabela 3, constata-se que, numa perspectiva ideal, as mães gostariam que existisse uma maior participação dos pais, uma vez que todos os valores estão muito próximos da categoria “tanto a mãe como o pai”.

Análises t-student para amostras emparelhadas indicam que existem diferenças significativas entre o que as mães gostariam que os pais participassem nos cuidados directos e indirectos ($p< .00$). E entre as dimensões dos cuidados e as dimensões de socialização ($p< .00$). Para as dimensões de socialização apenas se encontraram diferenças significativas entre a brincadeira e o lazer no exterior ($p< .01$).

Analisaram-se, ainda, as possíveis associações entre as variáveis sócio-demográficas e os dados da participação ideal. Apenas encontramos uma correlação positiva e significativa

entre as habilitações literárias da mãe e os cuidados indirectos ($r=.26$, $p<.01$), ou seja, quanto maior a escolaridade da mãe maiores os cuidados indirectos prestados pelos pais.

Utilizando o teste t-student, analisaram-se as diferenças entre a participação real — relatada por mães e pais — e a ideal — na perspectiva da mãe. Verifica-se que, com excepção da dimensão do lazer no exterior ($M= -.04$; $DP= .42$), nas restantes quatro dimensões aferidas — cuidados directos ($M= -.44$; $DP= .63$), cuidados indirectos ($M= -.53$; $DP= .50$), brincadeira ($M= -.23$; $DP= .46$) e ensino/ disciplina ($M= -.26$; $DP= .44$) — as mães gostariam de ver um maior envolvimento paterno.

DISCUSSÃO

As alterações sociais registadas nas últimas décadas tiveram um forte impacto nos papéis parentais e na necessidade de uma participação igualitária de mães e pais quer na prestação de cuidados diários, quer no estabelecimento de interacções sociais com os seus filhos. Deste modo, torna-se relevante perceber como estas mesmas modificações se manifestaram, concretamente, na organização familiar.

Assim e quanto ao primeiro objectivo delineado neste estudo — verificar se existe uma participação tradicional ou igualitária nos diferentes tipos de actividades — constatou-se que a participação de ambos os pais ainda se encontra muito relacionada com actividades específicas.

De facto, verificámos que os pais ainda atribuem a maior parte das actividades de prestação de cuidados — tanto directos, como indirectos — às mães, o que é consistente com os resultados de várias investigações (e.g. Levy-Shiff & Israelashvili, 1988; Bailey, 2001; Deutsch, 2001; Monteiro et al., 2008). Convém contudo realçar que, apesar dos pais participarem pouco em qualquer um destes domínios, a partilha nos cuidados indirectos é menor do que nos directos.

Efectivamente, os primeiros exigem uma organização e supervisão das tarefas familiares. De acordo com Parke (1995), os pais não dão tanta importância ao que precisa de ser feito, assumindo antes um papel passivo e esperando por actividades concretas e tarefas explícitas — daí ainda serem perspectivados, neste domínio, como “ajudantes das mães” (Tamis-LeMonda, 2004).

Já os cuidados directos, não obstante implicarem uma interacção rotineira e ditada pelas necessidades imediatas das crianças — o que é pouco do agrado dos homens —, assumem-se, comparativamente aos indirectos, como mais definidos e objectivos.

Por outro lado, nas actividades de socialização observou-se uma partilha igualitária desta responsabilidade — o que é concordante com diversas investigações já realizadas (e.g. Beitel & Parke, 1998; Bailey, 2001; Pleck & Masciadrelli, 2004; Monteiro et al., 2008) —, sobretudo, nas actividades de lazer no exterior, seguida das actividades de ensino/ disciplina e das de brincadeira. Levy-Shiff & Israelshvili (1988) justifica este maior envolvimento parental pelo facto de estas actividades serem mais satisfatórias e de não dependerem de horários restritos.

É de destacar que o que diferencia a interacção dos pais com os filhos nas actividades lúdicas é a sua maior tendência para terem brincadeiras físicas e de exterior, enquanto que as mães têm brincadeiras mais verbais e didácticas (Russell, 1983; Parke, 1996; Laflamme et al., 2002). Os nossos resultados apontam nesse sentido uma vez que os jogos mais físicos são, por norma, realizados pelos pais.

Tendo em conta estes resultados parece existir uma alternância entre uma participação tradicional ao nível dos cuidados — assumindo o pai um papel de suporte e apoio à mãe — e uma participação partilhada nas actividades de socialização. Tais dados comprovam que, apesar da crença de que os papéis parentais devem ser partilhados, na prática, as alterações parecem ser mais morosas (Lamb e Tamis-LeMonda, 2004; Le Camus, 2004; Pleck & Masciadrelli, 2004; Monteiro et al., 2008). De facto, o papel que os pais desempenham parece ter sofrido poucas alterações, subsistindo ainda um padrão específico, baseado no género.

Em relação ao segundo objectivo deste estudo — analisar os diferentes factores associados ao envolvimento parental — concluiu-se que algumas variáveis sócio-demográficas são indicadoras de um maior ou menor envolvimento paterno.

Centrando-nos nas características dos pais, verificámos, nesta amostra, que maior idade e mais baixas habilitações literárias são variáveis indicadoras de uma menor participação paterna.

Relativamente à primeira, é de destacar que, apesar de se terem obtido correlações negativas para as cinco dimensões consideradas, só três — ensino/ disciplina, brincadeira e cuidados indirectos — são significativas. Pensamos que estes resultados se poderão dever ao facto de pais mais novos revelarem uma maior energia para as actividades mais práticas e de carácter lúdico (e.g. Parke, 1996; NICHD, 2000). No entanto, é importante realçar que algumas investigações não detectaram qualquer relação entre as variáveis idade do pai e envolvimento paterno (e.g. Monteiro et al., 2006), pelo que se afigura pertinente averiguar melhor este facto.

Já as habilitações literárias mais baixas associam-se directa e negativamente com a participação paterna ao nível dos cuidados indirectos e da brincadeira. Tal poderá justificar-se pelo facto de estes pais possuírem menos recursos psicológicos, competências sociais e meios adequados para investir na parentalidade (Coley & Lansdale, 1999).

No que diz respeito às características das crianças, constatámos que só o género e a posição na fratria estão relacionados o envolvimento parental.

Efectivamente, os pais participam mais nas dimensões de cuidados directos, ensino/disciplina e lazer no exterior quando os filhos são do sexo masculino, isto é, os pais tendem a passar mais tempo e estarem mais envolvidos com os rapazes do que com as raparigas — o que é concordante com diversos estudos (e.g. Easterbrooks & Goldberg, 1984, Grossman et al., 1988; NICHD, 2005). Talvez porque uma maior identificação de género se possa traduzir numa maior confiança para assumir determinadas actividades/ tarefas.

Quanto à posição na fratria, verificou-se que o facto de o filho ser primogénito tem impacto na dimensão do ensino/ disciplina, possivelmente pelas maiores expectativas que um primeiro filho gera e que poderá conduzir os pais a um maior investimento e a uma maior rigidez para que elas não sejam defraudadas.

Ao nível do contexto/ suporte social constatou-se que o número de horas que a mãe passa no emprego e a criança no Jardim-de-Infância — factores relacionados entre si — se correlacionam positiva e significativamente com os cuidados directos prestados pelo pai.

Efectivamente, ao longo dos últimos anos, diferentes investigações (e.g. Bonney et al., 1999; NICHD, 2000; Bailey, 2001) têm demonstrado que o número de horas que a mãe trabalha é muito importante para determinar a participação do pai na prestação de cuidados. Isto porque, quando não é possível ser a mãe a assumi-los — por falta de tempo e/ ou energia —, ou deixa a criança mais tempo aos cuidados do Jardim-de-Infância ou terá que ser o pai a responsabilizar-se pela sua concretização.

Para finalizar, consideramos relevante reflectir sobre os resultados referentes às expectativas das mães. Verificámos que as mães gostariam que tanto as actividades de cuidados, como as de socialização fossem mais co-partilhadas, isto é, da responsabilidade de ambos os pais. A única excepção reside na dimensão do lazer no exterior, na qual as mães consideram existir um envolvimento paterno ideal.

Porém, uma análise mais detalhada dos dados indica uma tendência — ainda que pouco expressiva — para as mães quererem continuar a assumir-se como as principais responsáveis pelos cuidados das crianças, embora sempre com grande participação do pai. Pensamos que a justificação para este facto poderá radicar em dois pontos: por um lado, a

maior definição social do papel materno que impele as mães a continuarem a agir como “gatekeepers” da organização familiar e das suas actividades (Beitel & Parke, 1998); e, por outro, estas ainda se perspectivarem como tendo mais competências e capacidades para prestar adequadamente os cuidados aos filhos (Monteiro et al., 2008). É ainda de realçar que, dentro destes, as mães preferem que os pais participem mais nos directos do que nos indirectos. Segundo Beitel & Parke (1998) estes últimos distinguem claramente o envolvimento materno do paterno, na medida em que, por exigirem um sentido de responsabilidade mesmo com a criança ausente, são mais característicos das mães.

Neste estudo deparámo-nos com algumas limitações, nomeadamente o facto de se ter utilizado um questionário que nos fornece apenas uma medida quantitativa que indica a representação que os pais têm do envolvimento e do seu parceiro.

Quanto a estudos futuros a realizar neste âmbito, sugerimos, por um lado, avaliar a perspectiva do pai quanto ao envolvimento paterno ideal, comparando-a à da mãe, e por outro, investigar de forma mais qualitativa o envolvimento parental que nos permita aceder às atitudes dos pais e não apenas às suas representações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bailey, W. (2001). A Longitudinal Study of Fathers' Involvement with Young Children: Infancy to Age 5 Years. *The Journal of Genetic Psychology*, 155 (3), 331-339.
- Balancho, L. (2004). Ser Pai: Transformações Intergeracionais na Paternidade. *Análise Psicológica*, 2 (XXII), 377-386.
- Beitel, A. & Parke, R. (1998). Paternal Involvement in Infancy: The Role of Maternal and Paternal Attitudes. *Journal of Family Psychology*, 12 (2), 268-288.
- Bonney, J., Kelley, M. & Levant, R. (1999). A Model of Fathers' Behavioral Involvement in Child Care in Dual-Earner Families. *Journal of Family Psychology*, 13 (3), 401-415.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C., Bradley, R., Hofferth, S. & Lamb, M. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development*, 71 (1), 127-136.
- Canavarro, C & Pedrosa, A. (2005). Transição para a Parentalidade — Compreensão Segundo Diferentes Perspectivas Teóricas. In Leal, I. (2005). *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Fim de Século: Lisboa.
- Coley, R. & Chase-Lansdale, P. (1999). Stability and Change in Paternal Involvement among Urban African American Fathers. *Journal of Family Psychology*, 13 (3), 416-435.
- Cook, J., Jones, R., Dick, A. & Singh, A. (2005). Revisiting Men's Role in Father Involvement: The Importance of Personal Expectations. *Fathering*, 3 (2), 165-178.
- Crouter, A.C., Perry-Jenkins, M., Huston, T.L., & McHale, S.M. (1987). Processes underlying father involvement in dual-earner and single-earner families. *Developmental Psychology*, 23 (3), 431-440.
- Dantas, C., Jablonski, B. & Féres-Carneiro, T. (2004). Paternidade: Considerações sobre a Relação Pais-Filhos após a Separação Conjugal. *Paidéia*, 14 (29), 347-355.
- Deutsch, F. M. (2001). Equally shared parenting. *American Psychological Society*, 10 (1), 25-28.
- Deutsch, F., Lussier, J. & Servis, L. (1993). Husbands at Home: Predictors of Paternal Participation in Childcare and Housework. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65 (6), 1154-1166.
- Easterbrooks, M. A. & Goldberg, W. (1984). Toddler Development in the Family: Impact of Father Involvement and Parenting. *Child Development*, 55, 740-752.
- Fagan, J. & Barnett, M. (2003). The Relationship between Maternal Gatekeeping, Paternal Competence, Mothers' Attitudes about the Father Role, and Father Involvement. *Journal of Family Issues*, 24 (8), 1020-1043.

- Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação. Séries Cronológicas do Sistema Educativo. Retirado (2008) de <http://www.gepe.min-edu.pt>.
- Gomez, R. (2005). O Pai — Paternidade em Transição. In Leal, I. (2005). *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Fim de Século: Lisboa.
- Grossman, F., Pollack, W. & Golding, E. (1988). Fathers and Children: Predicting the Quality and Quantity of Fathering. *Developmental Psychology*, 24 (1), 82-91.
- Hawkins, A., Christiansen, S., Sargent, K., Hill, E.J. (1993). Rethinking Fathers' Involvement in Child Care: A Developmental Perspective. *Journal of Family Issues*, 14 (4), 531-549.
- Hwang, C. P. & Lamb, M. (1997). Father Involvement in Sweden: A Longitudinal Study of its Stability and Correlates. *International Journal of Behavioral Development*, 21 (3), 621-632.
- Instituto Nacional de Estatística (2008). Estatísticas de emprego, 2º Trimestre. Retirado (2008) de <http://www.ine.pt>.
- Instituto Nacional de Estatística (2007). Estatísticas demográficas. Retirado (2008) de <http://www.ine.pt>.
- Lamb, M. & Lewis, C. (2004). The Development and Significance of Father-Child Relationships in Two-Parent Families. In Lamb, M. (2004). *The Role of the Father in Child Development* (pp 272-306). John Wiley & Sons: NJ.
- Lamb, M. & Tamis-LeMonda, C. (2004). The Role of the Father – An Introduction. In Lamb, M. (2004). *The Role of the Father in Child Development*. John Wiley & Sons: NJ.
- Le Camus, J. (2004). *Le Vrai Rôle du Père*. Odile Jacob Poches : Paris.
- Le Camus, J. & Frascarolo, F. (2003). Introduction of the Special Issue on Fatherhood. *European Journal of Psychology of Education*, XVIII (2), 95-99.
- Levy-Shiff, R. & Israelashvili, R. (1988). Antecedents of Fathering: Some Further Exploration. *Developmental Psychology*, 24 (3), 434-440.
- Lewis, C. & Lamb, M. (2003). Fathers' Influence on Children's Development: The Evidence from Two-Parent Families. *European Journal of Psychology of Education*, XVIII (2), 211-228.
- McBride, B.A., & Rane, T.R., (1998). Parenting Alliance as a Prediction of Father Involvement: An Exploratory Study. *Family Relations*, 47, 229-236.

- McConnell, M. & Kerig, P. (2002). Assessing Coparenting in Families of School-Age Children: Validation of the Coparenting and Family Rating System. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 34 (1), 44-58.
- McHale, J. (1995). Coparenting and Triadic Interactions during Infancy: the Roles of Marital Distress and Child Gender. *Developmental Psychology*, 31 (6), 985-996.
- Monteiro, L. (2008). Análise do Fenómeno de Base Segura em Contexto Familiar: a Especificidade das Relações Criança/Mãe e Criança/Pai. (Tese de Doutorado não publicada).
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R. & Oliveira, C. (2006). Partilha da Responsabilidade Parental. Realidade ou Expectativa? *Psychologica*, 42, 213-229.
- NICHD Early Child Care Research Network. (2000). Factors Associated with Fathers Caregiving Activities and Sensitivity with Young Children. *Journal of Family Psychology*, 14 (2), 200-219.
- Parke, R. (1996). *Fatherhood. The Developing Child*. Harvard University Press: Harvard.
- Pleck, J. H. & Masciadrelli, B. (2004). "Paternal Involvement by U.S. Residential Fathers – Level, Sources, and Consequences". In Lamb, M. (2004). *The Role of the Father in Child Development* (pp. 222-271). John Wiley & Sons: NJ.
- Roggman, L. (2004). Do Fathers Just Want to Have Fun? Commentary on Theorizing the Father-Child Relationship. *Human Development*, 47, 228-236.
- Rohner, R. & Veneziano, R. (2001). The Importance of Father Love: History and Contemporary Evidence. *Review of General Psychology*, 5 (4), 382-405.
- Russell, G. (1983). *The changing role of fathers?* St. Lucia, Queensland: University of Queensland Press.
- Russell, G. & Hwang, C. P. (2004). The Impact of Workplaces Practices on Father Involvement. In Lamb, M. (2004). *The Role of the Father in Child Development* (pp 476-503). John Wiley & Sons: NJ.
- Tamis-LeMonda, C. S. (2004). Conceptualizing Fathers' Roles: Playmates and More. *Human Development*, 47, 220-227.

ANEXOS

Anexo A:

“Escala de Envolvimento Parental: Actividades de Cuidados e de Socialização”
(Monteiro, Veríssimo & Pessoa e Costa, 2008).



Escala de Participação Parental: Actividades de Cuidados e de Socialização (Monteiro, Veríssimo & Pessoa e Costa, 2008)

	Sempre a mãe	Mais frequentemente a mãe	Tanto a mãe como o pai	Mais frequentemente o pai	Sempre o pai
1. Quem dá as refeições ao seu filho					
2. Quem dá banho ao seu filho					
3. Quem veste o seu filho					
4. Quem vai deitar o seu filho					
5. Quem é responsável pela ida ao médico do seu filho					
6. Quem fica em casa quando o seu filho está doente					
7. Quem costuma comprar as roupas do seu filho					
8. Quem costuma comprar os brinquedos/ jogos do seu filho					
9. Quem leva o seu filho às actividades (por ex. natação)					
10. Quem leva o seu filho às festas de anos					
11. Quem brinca com o seu filho					
12. Quem lê histórias ao seu filho					
13. Quem é que faz jogos de mesa (ex. cartas, puzzles, jogos de encaixes, etc.) com o seu filho					
14. Quem faz jogos mais físicos com o seu filho (ex. jogar à bola, andar às cavalitas, rolar no chão, etc.)					
15. Quem ensina ao seu filho novas competências					
16. Quem conversa com o seu filho sobre assuntos mais delicados (ex. morte, como nascem os bebés, etc)					
17. Quem estabelece regras					
18. Quem faz cumprir as regras					
19. Quem lida com os maus comportamentos do seu filho					
20. Quem leva o seu filho ao parque infantil					
21. Quem vai passear com seu filho					
22. Quem vê TV com o seu filho					
23. Quem escolheu a escola que o seu filho frequenta					
24. Quem leva e traz o seu filho à escola					
25. A quem telefona a escola se algo se passar com o seu filho					
26. Quem costuma ir às reuniões de escola do seu filho					